



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

MIHA MOURA MAIA

**Subjetividades entre as mãos: um estudo sobre as práticas da
psicologia e os fazeres artísticos com argila**

**JOÃO PESSOA
2022**

MIHA MOURA MAIA

Subjetividades entre as mãos: um estudo sobre as práticas da psicologia e os fazeres artísticos com argila

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Psicologia, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia. **Orientação:** Prof. Anselmo Clemente.

JOÃO PESSOA
2022

MIHA MOURA MAIA

**Subjetividades entre as mãos: um estudo sobre as práticas dapsicologia e os fazeres
artísticos com argila**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Psicologia, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

BANCA AVALIADORA:

Prof. Dr. Alsemo Clemente (Departamento de Psicologia/UFPB – Orientador)

Profa. Dra. Zaeth Aguiar do Nascimento (Departamento de Psicologia/UFPB)

Prof. Fernando Soares (CEARTE/PB)

João Pessoa, 22 de junho de 2022

RESUMO

O presente trabalho se propõe a investigar as produções que tratam de argila e Psicologia. Mais precisamente, direciona-se o olhar para a cerâmica e a subjetividade. Amparada pela reflexão de uma prática em Psicologia comprometida com a realidade, foi realizada a análise de 9 textos para levantar uma discussão sobre a temática, utilizando como método a revisão narrativa. Neste sentido, buscou-se as publicações acerca da cerâmica e subjetividade, psicologia e argila. A maioria do material coletado relata experiência de grupos em contextos como o instituto do cego e serviços de saúde mental. Também há alguns relatos de terapia individual. Questionado o (não) lugar do psicólogo, tecemos uma discussão sobre instrumentos e dispositivos e relação terapêutica com a arte.

Palavras-chave: Argila. Subjetividade. Arte. Psicologia.

ABSTRACT

The present work proposes to investigate the productions that deal with clay and Psychology. More precisely, the gaze is directed towards ceramics and subjectivity. Supported by the reflection of a practice in Psychology committed to reality, an analysis of 9 texts was carried out to raise a discussion on the subject, using the narrative review method. In this sense, publications about ceramics and subjectivity, psychology and clay were sought. Most of the material collected reports the experience of groups in contexts such as the institute for the blind and mental health services. There are also some reports of individual therapy. Questioning the (non) place of the psychologist, we weave a discussion about instruments and devices and the therapeutic relationship with art.

Keywords: Clay. Subjectivity. Art. Psychology.

Lista de ilustrações

Quadro 1.....17

Quadro 2.....19

Lista de tabelas

Tabela 115

Tabela 215

Tabela 316

Sumário

1 Introdução	8
2 Metodologia	14
2.1 Resultados e discussão	14
3 Considerações finais.....	29
Referências	30
Apêndice A – Lista de artigos citados na revisão	31
ANEXO A – Mosaico de fotos	32

1 Introdução

A argila apareceu como possibilidade de estudo para mim, primeiramente, através da sua forma medicinal. Aprendi, no ‘Saberes da Caatinga’, Encontro Anual de Raizeiros, Parteiras e Benzedadeiras, com Manoel Inácio e Ivania Maria, onde encontrar, como extrair uma argila de qualidade e como armazená-la de maneira a manter suas propriedades. Essa experiência me despertou a procurar sempre por argila perto de água doce ou salgada. Quando a encontrava molhada o suficiente, cobria-me toda com ela; quando ela ficava mais seca, eu tirava alguns pedaços para levar comigo. E, com esses pequenos pedaços, comecei a investigar e a experimentar um contato mais cotidiano com a argila.

Nesse período, conheci também dois livros que foram fundamentais para o meu encantamento com a argila. Essas publicações são: ‘Cura-te com a argila: práticas não convencionais’, publicado em 1999 e escrito por Anama Maria dos Santos, e ‘Argila: um santo remédio e outros tratamentos compatíveis’, publicado em 2001, de autoria de Iracela Cassimiro Peretto. Aprendi muito e vivenciei momentos de cuidado, de maneira individual e coletiva, mediados pelos conhecimentos destes livros. Assim, conectei-me com práticas que, até hoje, são fundamentais para mim em determinados adoecimentos.

As possíveis cores das argilas também me chamaram a atenção: acumulei e tirei as impurezas, aprendi que, para pintar uma parede com ela, adiciona-se cola branca ou folha de palma, por exemplo. Aprendi, ainda, que pintando no papel, o tom varia de acordo com a quantidade de água. Nesse movimento, de acumular argilas recolhidas em casa, comecei a brincar com as formas que começavam a aparecer à medida que endureciam em minhas mãos.

Sem conhecimento técnico, eu fiz um sol e uma lua com uma argila vermelha e os deixei secar sob o sol. Guardei-os com carinho e vi a argila voltar a ser pó e areia. Com o tempo, compreendi que as peças que eu criava, quando secavam, se destruíam, porque as argilas que eu usava eram recolhidas de uma fonte de argila arenosa e, por isso, não continham a plasticidade necessária para não se desfazerem antes da queima. Além disso, no início desse aprendizado, eu também não tinha ideia de como faria para queimar aquelas peças e transformá-las em bens duradouros. No entanto, eu já estava envolvida com a argila a

ponto de querer descobrir também seu potencial artístico.

Por isso, matriculei-me no curso de cerâmica ofertado pelo Centro Estadual de Arte (CEARTE-PB), em 2018, e fui acolhida pelo professor Fernando Soares e por todos da turma. Nessa experiência, deparei-me com um grupo unido e brincante que me motivou mais ainda a permanecer construindo essa relação com a cerâmica. Nesse sentido, destaco que o professor tratou logo de me apresentar e me colocar em exercício com as técnicas para construção de formas variadas, como vasos, anatomias humanas, placas e máscaras.

Terminado os exercícios, eu fiquei livre para criar as peças que gostaria, pessoalmente, de produzir. E, com o aporte das técnicas e da experiência inicial, vislumbrei as diversas possibilidades e concretizei algumas. Foi nesse contexto que aprendi a respeitar o tempo do barro, a perceber que existe a hora de moldar a argila na forma desejada e a hora de fazer os toques delicados que definem a peça, por fim. Aprendi, ainda, que nem sempre a peça sai como se projetou inicialmente e, às vezes, descobrimos o que cada peça vai ser na medida em que vamos fazendo. Percebo, hoje, olhando em retrospecto, que a aula de cerâmica se tornou um momento de encontro com o barro, com meus colegas ceramistas e comigo mesma. Consequentemente, a argila passou a fazer parte de instâncias da minha vida que eu não imaginaria que seria possível, como no caso da educação formal, especificamente, da minha formação como psicóloga.

Esse entrelaçamento começou quando, durante minha graduação em Psicologia, tive a oportunidade de visitar o quilombo urbano e rural de Serra do Talhado (PB) e, mais precisamente, as Louceiras e sua associação na ponta da Serra. Na ocasião, assistimos com elas o filme ‘Aruanda’ (1960)¹, que retrata a história dos seus antepassados também produzindo cerâmica e descendo a Serra para vender as peças utilitárias.

Conhecer a história do quilombo e a relação das mulheres da associação com a cerâmica me fez refletir sobre a forma como essas mulheres tocam o barro e produzem as mesmas peças dos seus antepassados, com técnicas manuais que se baseiam apenas no uso de artefatos improvisados. Nesse contexto de observação, percebi que minha vivência na

1 Filme dirigido pelo cineasta paraibano Linduarte Noronha, que conta a história do início da comunidade rural de Serra do Talhado e retrata o modo de vida e a relação dos habitantes locais com a cerâmica.

Psicologia me despertou para analisar o quanto as movimentações humanas, artísticas e culturais contribuem para a produção de subjetividade mais autônoma e fiel a sua própria história (Sá, 2012).

Indo além nessa colocação, e por compreender o Brasil como uma terra invadida e explorada, considero importante pensar criticamente minha prática como profissional de Psicologia. E, neste sentido, preocupo-me em não reproduzir um método que seja provocador ou que naturalize violência, caso das internações psiquiátricas compulsórias e técnicas como a Eletroconvulsoterapia, antigamente conhecida por eletrochoque, ou seja, práticas que apostem no isolamento e na medicalização ou na intervenção focada apenas em aliviar sintomas.

Interesso-me por uma via oposta, que busca uma prática em Psicologia que dialogue com a realidade brasileira e seus modos de resistir pelos caminhos da cultura, e que apostem no cuidado em liberdade e nas forças do coletivo. Ainda, busco uma prática que respeite a autonomia e a história dos sujeitos, e que busque dispositivos em lugares como a arte e a natureza para lidar com o sofrimento psíquico. Por fim, coloco-me também atenta aos sofrimentos causados por uma sociedade classista, racista, patriarcal e heterocisnormativo (Coimbra, 1995).

Diante do exposto até aqui, é importante destacar um autor que traz uma discussão neste sentido: Martin Baró, estudioso em Psicologia Social e Filosofia. Baró pontua que todas as profissões em nossa sociedade se encontram, de certa forma, a serviço da ordem estabelecida, e que o psicólogo, enquanto tal, não conseguiria sozinho mudar as estruturas socioeconômicas, nem intervir diretamente nos mecanismos que sustentam a exploração e a desigualdade. No entanto, ainda de acordo com o autor, o psicólogo é capaz de intervir nos processos subjetivos que sustentam e viabilizam essas estruturas injustas.

Destaco essas colocações de Baró como fundamentais para a compreensão do trabalho do psicólogo, por reconhecer sua preocupação em demarcar a importância do olhar crítico do psicólogo para não reproduzir um saber pronto que pode naturalizar opressões. Além disso, o autor parece interessado em não procurar respaldo apenas em saberes do Norte global e, sim, interessa-se por construir métodos mais compatíveis com a realidade latinoamericana,

buscando formas de atuar que contribuam para uma subjetividade individual e coletiva que corresponda às necessidades daquela população com a qual se trabalha e buscando combater com os mecanismos e lógicas de poder (Baró, 1997).

Considerando o pensamento do autor, interessa-me observar que as movimentações humanas, artísticas e/ou culturais contribuem para a construção de uma subjetividade mais autônoma, mais alinhada com a realidade brasileira, menos padronizada. Lembro-me das louceiras de Santa Luzia e de suas peças de cerâmica, especificamente quando Martin Baró (1997, p. 16) coloca que “a recuperação de sua memória histórica oferece base para uma determinação mais autônoma do seu futuro”. Ou seja, os registros feitos sobre a comunidade de Serra do Talhado e o acesso que a população tem a sua própria história se apresenta como uma possibilidade de futuro.

Pode-se considerar que a feitura das peças é um conhecimento transmitido de geração em geração. Através da manualidade e não apenas da oralidade, produz-se subjetividade no sentido das formas de ser, viver e se expressar. E é esse ponto, na interseção do meu encantamento com o universo da argila com os estudos na Psicologia, que inspira o tema do presente trabalho.

Antes de adentrar na discussão, trago a autora Ana Bock, que nos explica o conceito de subjetividade, ao afirmar que este é:

[...] a síntese singular e individual que cada um de nós vai construindo conforme vamos nos desenvolvendo e vivenciando as experiências da vida social e cultural; é uma síntese que nos identifica, de um lado, por ser única, e nos iguala, de outro lado, na medida em que os elementos que a constituem são experienciados no campo comum da objetividade social. Esta síntese – a subjetividade – é o mundo de idéias, significados e emoções construído internamente pelo sujeito a partir de suas relações sociais, de suas vivências e de sua constituição biológica; é, também, fonte de suas manifestações afetivas e comportamentais. (Bock, 2002, p. 28)

Neste sentido, seguindo o pensamento de Bock (2002), podemos considerar a subjetividade como um objeto de pesquisa da Psicologia que abrange aspectos históricos e culturais de forma a depender do contexto que se busca investigar. A relação da produção de subjetividade com as culturas ameaçadas seria um caminho palpável para esta pesquisa, mas não é o caso. O presente trabalho volta o olhar para o material produzido com a intersecção entre subjetividade e argila, ou até entre subjetividade e manualidade.

Ainda sobre a subjetividade, há uma passagem de Anna Bock que interessa particularmente para este trabalho:

De um certo modo, podemos dizer que a subjetividade não só é fabricada, produzida, moldada, mas também é automoldável, ou seja, o homem pode promover novas formas de subjetividade, recusando-se ao assujeitamento e à perda de memória imposta pela fugacidade da informação; recusando a massificação que exclui e estigmatiza o diferente, a aceitação social condicionada ao consumo, a medicalização do sofrimento. Nesse sentido, retomamos a utopia que cada homem pode participar na construção do seu destino e de sua coletividade (Bock, 2002, p. 29)

Com esse trecho, fazendo uma aproximação com o tema que discuto, penso que, assim como a subjetividade, a argila é um material moldável, que se molda. Na comunhão entre a argila e as mãos algo é produzido, que é maleável e moldado por este encontro, ainda que previamente planejado. Apesar das possibilidades de criação que se abrem em contato com a argila, é preciso conhecer e construir uma relação com ela para experienciar um processo de criação com todas as suas etapas.

Nesse sentido, recorro um trecho de Darly Pellegrini (2005), que diz assim:

A argila ajuda a sonhar. Gosto de compará-la a terra úmida e fecunda onde o calor das mãos que insiste; para depois se negar. Nos vemos diante de um infinito de possibilidades que aos poucos vão se fechando. Essa matéria, esse útero da natureza que cede e convida ao mesmo tempo limita nos impondo um respeito, um tempo de espera. É a argila que dita o tempo. Para trabalhar com ela é preciso deixar de lado a ansiedade da obra acabada pois existe um ponto certo de secagem para finalidade, modificá-la, acrescentar alguns materiais, mas ainda assim temos que nos curvar ao que ela nos permite, pois com cerâmica o trabalho não acaba com a finalização da peça. Existe a secagem, a primeira queima e a queima do vidrado; e se tentarmos ir além do que nos é permitido a resposta virá fatalmente depois através das trincas (Pellegrini, 2005, p. 39)

Unindo as reflexões de Bock (2002) e de Pellegrini (2005), acrescento que, assim como a subjetividade, toda a produção em cerâmica é única. Há um movimento único de idealizar uma peça, pensar em um esboço e modelar uma forma. Ainda, nesse percurso, é preciso ajeitar a simetria e cuidar de cada detalhe, esperando o ponto de couro para fazer o acabamento. Depois, é preciso assistir a peça diminuir de tamanho, à medida que a água vai embora. É apenas quando seca totalmente que ela está pronta para a queima. E, se demorar demais, a peça vai rachando e voltando a virar pó, anunciando uma experiência vívida,

relacional e processual.

Essa característica de mutabilidade que se apresenta durante a construção de uma peça em cerâmica e durante a produção da subjetividade traz o interesse em conhecer o que já existe de produção acadêmica que tem como ponto de intersecção a subjetividade e a cerâmica. Por isso, debruço-me sobre o material selecionado com muitas pretensões, especialmente com o desejo de responder a perguntas que considero chave para a discussão: 1) o que existe de produção em Psicologia que trata da argila?; 2) é possível pensar a manualidade em relação à Psicologia para além de uma prática terapêutica?; 3) como a subjetividade, ou outros campos de estudo da Psicologia, se apresenta no fazer artístico da cerâmica?

É a partir dessas perguntas que sigo o percurso deste trabalho, construindo observações sobre como é a experiência relatada em cada artigo que mapeei sobre o tema, estabelecendo relações entre eles e, ainda, buscando destacar qual o (não) lugar do profissional da Psicologia nessa relação.

2 Metodologia

Devido à explosão da pandemia do novo coronavírus (COVID-19), o presente trabalho necessitou se limitar a uma revisão narrativa. Inicialmente, considerei fazer uma revisão sistemática. No entanto, a revisão narrativa se apresentou como o método adequado devido ao pouco material disponível nas plataformas.

Para colocar a revisão em prática, pesquisei diversos descritores que poderiam dar margem para a discussão que procuro traçar, tais como: “argila e subjetividade”; “cerâmica e subjetividade”; “argila e psicologia” e “cerâmica e psicologia”. Fiz esse movimento afim de realizar uma revisão sistemática, porém, o material encontrado não foi suficiente. Nessas buscas, encontrei menos de 5 artigos, muitas vezes os mesmos que já tinham em outra plataforma.

Por isso, passei a realizar a pesquisa nas plataformas, mas não só. Procurei em referências de outros artigos e selecionei materiais que apareceram por outras pesquisas. Para me guiar nessa revisão narrativa, também considerei a conceituação de Rother (2007) sobre a referida metodologia, ao apontar que:

Os artigos de revisão narrativa são publicações amplas, apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento ou o “estado da arte” de um determinado assunto, sob o ponto de vista teórico ou contextual. As revisões narrativas não informam as fontes de informação utilizadas, a metodologia para busca das referências, nem os critérios utilizados na avaliação e seleção dos trabalhos. Constituem, basicamente, de análise da literatura publicada em livros, artigos de revista impressas e/ou eletrônicas na interpretação e análise crítica pessoal do autor (Rother, 2007, p. 1).

A fim de compor essa análise de literatura sobre Psicologia e argila, então, após as buscas, selecionei um total de 9 textos para análise. Cabe ainda mencionar que, durante a leitura de todos, procurei especificamente por discussões voltadas para a subjetividade e a relação com argila. Além disso, com o mapeamento e leitura desses textos, a proposta contemplava também criar um diálogo entre os artigos e levantar as considerações pertinentes ao trabalho.

2.1 Resultados e discussão

Como mencionado, para levantar a discussão que o presente trabalho se propõe, foram procurados descritores diversos nas plataformas comuns de pesquisa que pudessem trazer artigos que abarcassem conteúdos que relacionassem a argila, a cerâmica ou a manualidade

com a Psicologia, a subjetividade ou a subjetivação e os modos de vida, de saber e de fazer que estão relacionados a isso. Devido à limitação de produção na área, selecionei 9 artigos disponíveis no Pepsic e Scielo que trazem esses assuntos, como mostra-se na Tabela 1.

Tabela 1
Bases de dados utilizadas

Base de dados	Textos selecionados
Pepsic	6
Scielo	3

Na primeira coluna, encontram-se as bases de dados pesquisadas e, na segunda, a quantidade de textos disponíveis e, conseqüentemente, selecionados para o estudo. Não foram encontrados resultados nas bases Lilacs, Indexpsi e Periódicos Capes que também já não estivessem disponíveis nas outras plataformas. O total de artigos encontrados não ultrapassaram 4 ou 5 textos em cada plataforma com a temática escolhida e, ainda assim, a maioria dos artigos se repetia nas plataformas, demonstrando a escassez de material produzido no formato de artigo acadêmico sobre o assunto pesquisado.

Também busquei textos que pudessem estar em outras línguas, sendo estas espanhol e inglês, e encontrei uma produção considerável. Mas, ainda assim, escolhi dar preferência aos trabalhos brasileiros produzidos, por entender que era necessário fazer esse mapeamento com a produção local, antes de passar para outros contextos. Além disso, vale considerar que não delimitei tempo, ou seja, não coloquei data para restringir a pesquisa. A pesquisa foi feita da maneira mais ampla possível, menos em relação à localidade, e foi encontrado um material razoável, embora ainda limitado.

Já sobre o ano das publicações, tem-se essas informações condensadas na Tabela 2. Foi elencado, na primeira coluna, os anos em que os artigos foram publicados e, na segunda coluna, a quantidade dos textos que foi publicado naquele ano. Como podemos observar na Tabela, o ano com maior publicação sobre o assunto foi o de 2014, seguido por 2008, com um total de 2 trabalhos.

Tabela 2
Ano das publicações

Ano de publicação	Quantidade
2007	1

2008	2
2011	1
2014	2
2018	1
2019	1
2021	1
Total	9

Dos artigos selecionados, o trabalho mais antigo foi publicado em 2007 e o mais recente em 2021, já durante o contexto de pandemia da COVID-19. Podemos perceber, então, que englobamos um total de 14 anos e, mesmo se considerarmos que não houve ao menos uma publicação por ano, ainda assim, é possível afirmar que houve um espaço relativamente pequeno e constante entre uma publicação e outra, em diversos locais do país, como analisaremos a seguir na Tabela 3.

Tabela 3
Localização geográfica de cada texto

Estado de origem do estudo	Quantidade
Paraíba	1
Mato Grosso do Sul	1
Minas Gerais	1
São Paulo	3
Rio de Janeiro	1

A Tabela 3 trata, na primeira coluna, dos estados onde os estudos foram encontrados e, na segunda coluna, a quantidade de estudo realizado em determinado local. De acordo com mapeamento, foram três artigos publicados apenas no estado de São Paulo, cinco artigos na região do sudeste considerando-se Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, dois artigos na região sul e apenas um estudo realizado no nordeste brasileiro, mais precisamente em João Pessoa – Paraíba. Cabe, portanto, lembrar que este último é também onde realizamos a presente pesquisa. Ainda sobre o estudo encontrado na Paraíba, da professora Rosilda Sá, ressalta-se a admiração por esta e outras produções da autora, que vem produzindo conhecimento prático e teórico no campo da cerâmica e da Psicologia. Afinal, a professora Sá

desenvolve experiências e experimentações comprometidas e transformadoras da realidade.

Também vale comentar que não foi encontrada nenhuma produção vinda do norte do país que poderia ser encaixada nos propósitos deste trabalho – o que não significa que não existam pesquisas relevantes na região, mas, acredito que essa ausência pode ser um indicador de acesso limitado à produção daquele local.

Por fim, tendo apresentado os elementos localizadores dos artigos, adentro nos conteúdos dos mesmos. Para isso, utilizo o Quadro 1, que lista o objetivo de cada artigo pesquisado. A ordem dos textos se encontra no Apêndice A, ao final deste trabalho.

Quadro 1 **Objetivos dos artigos escolhidos**

1	O objetivo do texto é analisar, em pessoas que perderam a visão, duas mudanças da atenção: o redirecionamento da visão para o tato e a reversão na qual a atenção sofre uma mudança de qualidade.
2	O objetivo deste texto é discutir os efeitos da experiência de trabalhar com cerâmica, analisando os dois lados do funcionamento da atenção de pessoas com deficiência visual adquirida: a atenção à argila e a atenção a si mesmo durante o processo de criação.
3	Procura-se discutir questões relacionadas à expressão do feminino e da subjetividade, por meio das imagens produzidas durante mais de quarenta anos de internação psiquiátrica.
4	O presente texto tem como objetivo fazer um relato da experiência do atendimento psicológico realizado com um paciente residente em um hospital especializado em saúde mental.
5	O trabalho busca compreender o significado da arteterapia com argila para pacientes psiquiátricos num hospital de dia.
6	O objetivo deste artigo é apresentar o relato de experiência da implementação de uma oficina expressiva em dois centros de atenção psicossocial a partir de um estágio profissionalizante em Psicologia.
7	Busca-se, nesse artigo, problematizar os encontros possíveis entre arte, loucura e criação. A partir do encontro com corpos que há muito se encontram institucionalizados pelo poder psiquiátrico, e que num primeiro instante se mostram inertes, propõe-se um olhar para os rastros de criação e resistência, ativados quando, se agenciam espaços de produção artística, tais como oficinas de arte.
8	Este artigo traz um mergulho poético na experiência dolorosa com a morte da mãe de uma das autoras, sentida como uma cena primitiva de desamparo e simbolizada ao ceramizar artesanalmente uma rede em tamanho padrão. Essa obra de arte, peça central da instalação ‘Repouso’, nasceu como amparo para essa perda, de ressonâncias na criação do si mesmo, da ressignificação da vida e da experiência de elaboração da partida.
9	O objetivo do presente artigo é refletir sobre a arte como uma ferramenta de trabalho do psicólogo, contextualizando historicamente a arteterapia, discutindo os pressupostos fundamentais que sustentam esta prática e apresentando suas principais abordagens teóricas.

De forma ampla, observamos que são apresentados encontros possíveis entre arte e sofrimento psíquico que não se resumem à relação com a argila, nem mesmo à produção de peças de cerâmica, mas que perpassam a manualidade e a criação. É possível considerar como central no objetivo de todos os artigos o manuseio da argila enquanto dispositivo, como ferramenta ou até como método para um processo de cuidado. No entanto, os textos são compostos por diferentes perspectivas e diferentes abordagens. Além disso, o diálogo entre eles é mediado pela discussão sobre o fazer com a argila.

Um outro ponto em comum entre os textos é a questão da expressão artística, da expressão de sentimentos, da expressão da subjetividade, singularidade, e de símbolos e significados que transparecem na relação com a criação. Através da modelação, percebemos infinitas possibilidades a partir do movimento, que inspiram mudança e transformação.

Um terceiro ponto em comum que considere relevante se trata do fato de que a maioria dos trabalhos relata uma experiência, conta uma história e investiga, na prática, os possíveis efeitos de uma relação com a arte manual, principalmente com a argila. Vale ressaltar também que os contextos são diferentes e a maioria dos textos relatam experiências grupais, geralmente no modelo de oficina. Ainda, dois textos relatam uma vivência individual, sendo uma mediada por um profissional e um único texto trata de uma vivência individual sem mediação.

Para além de apontar os objetivos apresentados pelos trabalhos, buscamos, nos nove textos selecionados, observar o que estes trazem acerca da produção de subjetividade e criação de si mesmo a partir da relação com a argila. É nesse sentido que o Quadro 2 apresenta os resultados de cada artigo pesquisado.

Quadro 2

Resultado dos artigos pesquisados

1	Para concluir, podemos dizer que a perda da visão reduz o nível de automatismo cognitivo e mobiliza a atenção. Na vida prática, o automatismo é substituído pelo esforço de uma atenção focada e da memória de trabalho, para ações cognitivas diversas como a reflexão e o cálculo. Mas a redução do automatismo pode também dar lugar à experiência direta, à atenção suplementar a ao alargamento da percepção. A situação de criação no trabalho com a cerâmica é distinta da situação de realização de tarefas, pois não segue objetivos predefinidos. Mesmo quando há uma idéia prévia ao trabalho, esta pode sofrer modificações ao longo do processo de criação. Quando a perda da visão abre a possibilidade de desenvolvimento de processos de criação, como é o caso que observamos na oficina da cerâmica, esta perda pode acionar um processo de reinvenção, atualizando outras virtualidades da atenção e da percepção. Retirados de boa parte dos compromissos da vida prática, encontram um tempo solto. Na oficina de cerâmica, isto é, favorável ao desenvolvimento de um trabalho sem pressa e sem a exigência de resultados. Os processos de criação funcionam, neste caso, como outro tipo de compensação. Não mais como busca de caminhos indiretos para chegar ao mesmo fim, mas para trilhar outros caminhos.
2	O trabalho na oficina dava a experiência concreta de que a perda de visão não significava necessariamente perder a alegria, a dignidade e o lugar no mundo. A prática com a cerâmica, nova para todos os participantes, possibilitava o encontro com um mundo constituído de matéria maleável, capaz de dar nascimento a objetos e subjetividades através de uma relação de comunhão. Ela propiciava também o encontro com pessoas que se encontram em diferentes momentos e condições em sua convivência com a cegueira, que configurava, com as professoras, um território acolhedor e amoroso de aprendizagem inventiva e de criação coletiva, onde ocorre um cuidado com o acompanhamento do processo de cada um. Por último, e isso se revelava o mais importante, propiciava o encontro com a virtualidade de si, produzindo a experiência concreta de invenção de si mesmo e do mundo. Criavam-se condições para momentos de consciência do processo que constitui e habita em cada subjetividade.
3	A descrição das pinturas e desenhos realizada neste trabalho constitui apenas uma das leituras possíveis, e a escolha pelo tema da transfiguração do corpo deve somar-se a uma outra série de temas. Balandier (1987) afirma que a imagem não é inocente, assumindo uma qualidade de instrumento de ação ou figuração dotado de eficácia. A imagem seria um intermediário entre o pensamento e o ato; ela transforma, transfigura, convertendo tudo em relações, eficácia e crença. Ela se impõe aos seus autores e aos que a utilizam. Essas obras, colocadas no mundo, ganham outros significados possíveis, conforme estabelecem novas relações com a sociedade e no diálogo no universo da arte. Estão sujeitas, portanto, a inúmeros agenciamentos e interpretações. Então, as imagens, em seus valores expressivos, são fontes de processos, de afetos, de significações. Porém, em especial, a imagem artística tem uma inventividade nitidamente superior à de qualquer outra imagem: ela permanece na esfera da invenção, da descoberta. Aproxima-nos de um campo que é também o da psicanálise.

4	Ressalta-se também a importância da argila como uma “ponte” fundamental, que facilitou o acesso e a aproximação com o paciente, tanto no mundo externo, quanto o interno. Este material possibilitou o estabelecimento do vínculo terapêutico, a despotencialização da agressividade do paciente e o resgate de sua história e vivência interna. Sugere-se pensar que, na intervenção em saúde mental, o enfoque principal seja o indivíduo em desenvolvimento e procurar entender seus sintomas como aspectos de sua singularidade e reveladores de seus complexos autônomos e inerentes ao psiquismo.
5	O estudo com a argila mostrou-se um importante recurso arte terapêutico a ser utilizado em hospitais dia pela equipe multiprofissional, em especial a equipe de enfermagem, para o trabalho com pessoas que necessitam inaugurar novas formas de convivência com o mundo ao redor e consigo mesmas. Portanto, o uso da argila mostra-se eficaz, sendo capaz de promover o autoconhecimento, trazendo inúmeros benefícios para quem busca alívio para suas angústias e conflitos. Assim pode-se concluir que a estimulação da criatividade é recurso essencial para que o indivíduo possa vislumbrar novas possibilidades na direção da saúde e qualidade de vida, por isso a arteterapia precisa ser implantada de forma contínua pelos profissionais de saúde nos serviços de atendimento à pacientes psiquiátricos. Parece plausível definir a nossa experiência com o grupo de arteterapia no hospital dia supracitado como salutar, na medida em que observamos os resultados. Dessa forma, percebe-se a necessidade da ampliação dos trabalhos, por meio da criação de novos grupos terapêuticos que percebem na arte um instrumento importante na busca do bem-estar da pessoa em sofrimento mental e de promoção da saúde em geral. Assim é imprescindível o trabalho com grupos terapêuticos deve ganhar espaço nos serviços e instituições da rede de atenção à saúde, pois se trata de uma ação relevante no planejamento de intervenções clínicas, já que apresenta resultados positivos no acompanhamento dos agravos e doenças mentais. Frente a este contexto e com base nas reflexões realizadas, esperamos sensibilizar e estimular outros profissionais da área de saúde mental e artistas de modo geral a vivenciar essas gratificantes experiências junto a pacientes psiquiátricos em tratamento.
6	Este relato de experiência discutiu a relevância de atividades grupais de caráter expressivo em contexto de serviço de atenção psicossocial, a partir da recuperação dos diários de campo elaborados pelos estagiários que conduziram as oficinas em CAPS. Inicialmente, portanto, este texto valoriza a formação do profissional de Psicologia por meio da inserção em estágio supervisionado. A possibilidade de identificar demandas de cuidado aos usuários, planejar uma ação, discutir sobre sua implementação com a equipe e conduzir a prática grupal contribui para a formação de profissionais de Psicologia com mais flexibilidade para o trabalho em equipe, que precisa ser discutido nos espaços reservados para as reuniões, de forma a representar uma proposta de cuidado construída coletivamente pelos profissionais e que atinja, de forma singular, aos usuários que a ela se vincularem. A possibilidade de um espaço menos estruturado permitiu a construção de vínculo com os estagiários, permitiu que esses se colocassem no papel de facilitadores e refletissem sobre a necessidade de ofertar diferentes ações de cuidado aos usuários vinculados ao serviço. Destaca-se, como limites do estudo, tratar-se de relato de experiência em apenas dois serviços ao longo de um semestre letivo. Sugere-se a problematização de outras experiências de estágio, de intervenções profissionais ou pesquisas com os usuários de serviços de saúde mental com dificuldades para construir vínculos com o serviço e também que possam opinar sobre as

	ações de cuidado realizadas nesses serviços, de forma a serem chamados para construir a atenção psicossocial mais ativamente.
7	Poderíamos pensar, então, que ao se desenvolver atividades de cunho artístico com pessoas portadoras de sofrimento psíquico, nossas atitudes podem visar a constituição de uma prática e um olhar que acolha a diferença. Atividade de criação feita sem cobranças ou expectativas, para operar nos sujeitos como recriação de si, reinvenção de mundos em direção à abertura de novas possibilidades, de outros modos de existência. Espécie de acolhimento para uma arte que é em alguma medida bruta, em alguma medida marginal, mas que, na possibilidade de sua expressão, implica na circulação de intensidades. É como se, nesse instante ínfimo em que os prisioneiros da passagem, os alienados com todas suas dificuldades e limitações, ultrapassassem a si mesmos. E nessa duração, a desrazão por um momento viesse dar lugar a uma possibilidade de produção de obra. Uma duração na qual o corpo pudesse abrir-se para os devires, tornar-se passagem de forças que o levam a potência de criação e de vida.
8	As reflexões aqui desenvolvidas revelaram que o desamparo e o sofrimento decorrentes da perda materna foram experienciados e simbolizados na tessitura do ceramizar, que resultou na criação artesanal de uma rede com nós de terracota costurados com fios de cobre. A produção artística dessa rede ressignificou a dor da perda e, mais que isso, simbolicamente seu embalo proporcionou um resgate da história relacional mãe-criança e o acalanto necessário ao enfrentamento dessa perda.
9	Não seria essa reinvenção de si mesmo, ou seja, essa transformação pessoal, o objetivo final de qualquer processo psicoterapêutico? Ora, na atividade artística, o sujeito encontra uma possibilidade concreta de expressar não só aquilo que ele é mas também o que ainda pode vir a ser, construindo na arte outros modos de objetivação e subjetivação e, a partir daí, reconstruindo-se na vida, a partir de um novo olhar sobre si mesmo e sobre o mundo.

Tendo em vista os resultados apresentados por cada artigo, é possível refletir sobre algumas questões trazidas pelos autores. Sobre os dois primeiros textos, observa-se que eles têm como público-alvo de pesquisa um grupo composto por deficientes visuais e a observação de passa no Instituto dos Cegos. Além disso, eles são fruto da pesquisa de uma mesma autora: Virgínia Kastrup.

Ainda sobre os textos iniciais, o segundo deles especifica que o grupo é composto por pessoas com a deficiência visual adquirida em vida, enquanto o primeiro texto não faz a mesma restrição quanto aos participantes. Muito se constrói em relação à experiência dos participantes em ambos estudos. Através de oficinas de cerâmica, que intercalam a construção de formas pré-definidas pelo pesquisador e a produção livre de peças, a pesquisa é direcionada para os processos psicológicos básicos, sendo estes, a atenção e a percepção, observadas pela relação com o tato. Apesar desse olhar direcionado para os sentidos humanos, os textos trazem considerações importantes acerca da produção de subjetividade e a

produção em cerâmica.

Neste sentido, a autora traz a questão da maleabilidade da argila como ponto chave para a percepção da possibilidade de se construir o novo, onde produzir objetos e subjetividades são inerentes durante o contato e a relação com a argila. Ela compreende o processo de modulação da subjetividade através da argila enquanto uma experiência estética. “As práticas artísticas, como as experiências estéticas, acionam processos de cognição inventiva e de produção de subjetividades, engendrando domínios cognitivos e novos territórios existenciais”, pontua Kastrup (2008, p. 193).

Percebe-se, ainda, que a experiência estética, que faz parte do processo de criação artística, é colocada enquanto um movimento externo mas também interno: onde a criação do objeto é tida como indissociável da criação de subjetividade por conta do processo contínuo de se moldar internamente enquanto se molda exteriormente uma peça em cerâmica (Kastrup, 2008).

Em comunhão com a argila, ativamos nossa imaginação para moldar e escolher nossa peça, mas isso não é suficiente para construí-la, é preciso insistência e paciência para passar um esboço ou um projeto para uma peça pronta. No caso dos cegos, o processo inteiro é mediado pelo tato: afinal, passa por sentir o tamanho e a posição de cada detalhe para obter a peça idealizada. Este processo, realmente, é composto por uma atenção e percepção digna de ser estudada. Ainda vale ressaltar que, ao produzir uma peça em cerâmica, nem sempre alcançamos o objeto que idealizamos e, com isso, também nos deparamos com a limitação e o sentimento de frustração que também experienciamos em vida.

O material relatado nos textos de Virginia Kastrup é inspirador e desafiador justo por não se trabalhar com o sentido da visão, pois isso revela como esses processos destacados acima estão interligados e fazem parte de uma experiência estética. Afinal, ainda que o sentido que conecta seja o tato e não se tenha o recurso da visão para fazer uma peça, e seu acabamento, ao observar e contemplar a peça, sente-se a peça com o toque, percebendo as nuances e os detalhes através apenas da mão, observando-a e contemplando-a sem os olhos.

Nesse caso, a produção de subjetividade se apresenta quando a autora descreve como a prática “propiciava o encontro com a virtualidade de si, produzindo a experiência concreta de invenção de si mesmo e do mundo” (Kastrup, 2008, p. 197). O ponto chave levantado pela autora para a discussão que busco levantar é justo este: a oficina trouxe aos participantes, além da relação com a própria cerâmica e com os outros participantes do grupo, uma nova perspectiva sobre si, onde constituiu a construção de uma nova relação consigo mesmo, maleável e moldável, como a própria argila (Kastrup, 2008).

Os textos a seguir nos dão notícia da produção com a argila no contexto de saúde mental. Salientamos que são experiências que nos mostram distintas fases da reforma psiquiátrica. Relacionando-se entre si não somente pela produção da subjetividade a partir da argila e da manualidade, mas nos contextos institucionais em que este dispositivo foi utilizado. Vale lembrar que práticas e pesquisas envolvendo arte e loucura compõem uma potente parte da história da saúde mental brasileira, sobretudo quando observa-se as experiências desenvolvidas anteriormente em instituições consideradas basilares, onde a violência fazia parte do cotidiano. Os três trabalhos a seguir se referem ao contexto do hospital psiquiátrico e, por isso, apresentam características e períodos históricos distintos.

O primeiro deles, sendo o terceiro texto selecionado, registra as produções artísticas de uma mulher internada em meados de 1940 no Hospital Engenho de Dentro. Especificamente, a investigação do trabalho é acerca dos símbolos e signos que as 17.500 produções desta mulher apresentam. Suas produções também trazem elementos e interpretações do que seria a subjetividade própria de uma mulher da época analisada.

De acordo com o estudo, a produção da mulher começou quando ela teve contato com o que viria a ser o Museu do Inconsciente, projeto realizado por Nise da Silveira, uma das precursoras em utilizar a arte como método em hospitais conhecidos por utilizar métodos de tortura disfarçados de tratamento, como o eletrochoque e a convulsoterapia. O texto relata que a mulher central no estudo havia sido internada 10 anos antes e coloca que “a palavra falhou”, para destacar que ela vivia em condições desumanas e não apresentava nenhuma disposição em viver ou em trazer as questões e experiências que sentia e vivenciava através da fala.

Já em contato com a arte, mais precisamente pintura e modelagem, a expressão voltou a fazer parte da sua vida. Foi observado, na produção artística dela, a expressão de uma subjetividade singular e também construída socialmente. Suas obras apresentavam símbolos que expressavam e comunicavam os sentimentos e as representações psíquicas construídas ao longo de sua vida (Amendoeira, 2008).

Já sobre o texto a seguir, o quarto texto selecionado, é importante destacar que também traz o caso de uma pessoa internada compulsoriamente em um hospital psiquiátrico. Mas, neste caso, o participante foi transferido de um hospital que foi fechado, como consequência da reforma psiquiátrica e da luta antimanicomial, para um hospital especializado em saúde mental no interior de São Paulo, segundo o autor. No texto e no relato, podemos perceber a lógica da medicalização vigente e a estigmatização que o usuário do serviço, descrito enquanto paciente, sofria por parte da equipe profissional. Além disso, o mesmo apresentava sintomas que estavam relacionados ao sofrimento que enfrentava naquele

espaço, como agir com violência, além de apresentar um ritual de passar as próprias fezes nas paredes do hospital.

Os encontros, sempre mediados pela argila, aconteciam três vezes na semana e a inicial resistência do mesmo se transformou em um vínculo importante, capaz de refletir na humanização do paciente. A argila, que inicialmente foi associada às fezes e aos animais que representavam a forma como o paciente era visto e se via no hospital, terminou se transformando em peças como pássaros e árvores, que representavam a liberdade e a possibilidade de crescer. Desse modo, enquanto produzia e conversava com o facilitador sobre a vida, o homem se deparava com a possibilidade de se recriar, transformando a forma como ele se enxergava, como se comportava e como se relacionava com a vida. O potencial de produção de subjetividade se evidenciou ao longo da narrativa e da transformação apresentada pelo participante.

Seguindo a linha histórica das políticas em saúde mental no Brasil, o quinto texto acontece no hospital dia, local que representa um serviço de transição no início da reforma psiquiátrica, já que surgiu depois dos hospitais psiquiátricos começarem a ser fechados e antes dos Serviços de Atenção Psicossocial (CAPS) serem criados. O hospital dia existiu fortemente na década de 1990, em um processo de desconstrução do hospital psiquiátrico como um lugar de internação e medicalização dos sujeitos. Ele ainda carregava o signo de hospital, as paredes brancas e o espaço institucionalizado enquanto tal, porém representava um espaço mais aproximado da proposta do CAPS, onde se frequentava, em liberdade, e servia de local de convivência e de atividades.

No hospital dia, como exposto no texto, foram realizados 7 encontros em grupo utilizando a argila como dispositivo disparador. A experiência foi concretizada e, a partir dela, foi discutido como emergiu emoções diferentes nos participantes: uns acessaram traumas e vivências desagradáveis e outros sentiam alívio de sintomas, sentiram descarregar uma energia na matéria. Também foi comentado sobre a frustração sentida em alguns participantes por não conseguirem ver pronto aquilo que idealizaram.

Este ponto me remete, mais uma vez, à experiência estética e à produção de subjetividade ao se deparar com a possibilidade de criar algo novo, de imaginar um objeto e tentar reproduzi-lo. Um outro assunto levantado, e que também dialoga com textos trabalhados anteriormente, é o protagonismo da comunicação não-verbal, a expressão através da manualidade, distante das palavras e próxima ao que existe de subjetivo, de conteúdo interno que se apresenta através do contato com a argila, e não necessariamente com a criação de uma forma facilmente identificável.

No sexto texto, observa-se o fechamento da ordem cronológica das políticas públicas em saúde mental no Brasil, sendo o estudo realizado num CAPS, modelo vigente, fruto da luta antimanicomial e da reforma psiquiátrica, que possui diretrizes como o cuidado em liberdade e em rede, dentro das comunidades. Nesse contexto, o artigo relata a experiência de quatro estudantes de graduação em Psicologia que fizeram o estágio realizando uma oficina expressiva em que o material utilizado era a argila. O espaço era destinado para a criação e “poderia ser utilizado pelo usuário com liberdade, respeitando seu tempo e formas de simbolização, bem como o desejo ou não de uso da palavra/expressão verbal ao longo da atividade” (Silva, 2019, p. 129).

Assim como nos textos anteriores, os estagiários percebem uma resistência dos participantes com a argila nos primeiros encontros, remetendo-a à sujeira e sentindo incômodo ao tocá-la. Além disso, os estagiários também observaram a construção de vínculo no grupo e as narrativas que surgiam através da fala durante as oficinas e na própria produção de cerâmica. A produção de subjetividade foi mencionada em alguns momentos do texto, em discursos voltados para a potência do espaço em produzir e manejar as subjetividades ali envolvidas, onde o novo aparece novamente como ponto chave, como experimentação, criação, relação e, por fim, subjetivação.

Na sequência, o sétimo texto faz um apanhado histórico entre a arte, a loucura e a criação, ponderando diversos pontos levantados na discussão acima. Do trabalho, considero importante pontuar que, na história da Psiquiatria e Psicologia, a arte primordialmente foi utilizada como um método para identificar aspectos de adoecimento e de análise no material. Depois, com o trabalho de Nise da Silveira e outros, a arte se transformou em uma ferramenta para se trabalhar a potência, com a resignificação, a transformação, e não no sentido de limitar e taxar as pessoas, como fora outrora. Ao investigar as possíveis relações entre a subjetividade e a manualidade, encontro a expressão e comunicação não-verbal, a experiência estética e aspectos que elaboram o passado e contribuem para a construção de um futuro, visando o cuidado e a autonomia dos sujeitos.

A partir deste ponto, com os dois últimos textos, farei o movimento contrário que fiz com os textos anteriores, de relacioná-los na história e conteúdo: tratarei de aspectos opostos. O oitavo trabalho se trata de uma experiência individual e poética de uma artista plástica paraibana que admiro.

Já quanto ao nono e o último texto, ele traz considerações sobre o uso da arte como ferramenta do psicólogo. O que quero explorar com esse discurso é o fato da produção de subjetividade e de elaboração estarem relacionadas ao processo de criação em cerâmica,

independente ser utilizado para este propósito ou de estar ali como um dispositivo mediado por um profissional.

Ademais, é necessário ressaltar que o oitavo texto é muito forte, pois apresenta uma produção realizada com cerâmica e metal durante a elaboração do luto da artista/autora. O processo se apresentou como a gestão de um sentimento difícil, transmutado pelo contato com a arte e simbolizado de maneira impactante. A experiência não foi mediada por um psicólogo, mas o texto revela que a produção artística trouxe elementos de elaboração e enfrentamento de um sofrimento inevitável.

Este texto se apresenta como essa possibilidade de perceber que a relação com a arte não precisa ser necessariamente guiada por um profissional psi nem ser utilizada como método para ter potencial de produção de subjetividade, de transformação, de elaboração e criação de modo e de lida com a vida. De acordo com a autora,

Significar a experiência da morte da minha mãe, por meio de minha produção artística, gerou ressonâncias na criação de mim mesma – um trabalho psíquico para suportar a emoção da perda e elaborar essa partida. Simbolizar (transformar em símbolos) as coisas é uma necessidade, e o sofrimento psíquico precisa ser simbolizado, seja falando numa análise, seja transformando isso ao longo da produção de uma obra de arte. Nesse caso, simbolizei meu abandono através do embalo perdido de uma rede. (Sá, 2012, p. 170)

A relação com a arte, por si só, tem um potencial de conexão com o subjetivo e outros processos psíquicos. A autora coloca no artigo a importância que a criação da obra teve para suportar a dor do luto, fala sobre a relação de entrelaçamento entre vida e arte do artista e pondera que o “movimento existencial é impulsionado pelo ininterrupto processo singular de criação artística” (Sá, 2012, p. 174), se apresentando como força vital que o coloca em movimentação e está intrinsecamente relacionado ao modo de vida, e consequentemente de subjetividade, do artista.

“Criar se relaciona em princípio, à criação da própria existência”, aponta Sá (2012, p. 171). Esta premissa dialoga com os textos anteriores e com o objeto de pesquisa do presente trabalho, pois falamos aqui o quanto o potencial de criação em cerâmica facilita a compreensão da construção da própria vida, ponto que também é ressaltada pela autora:

Assim, a exploração das capacidades expressivas, processual e semântica da argila bem como as extensões relativas às distintas possibilidades poéticas que levam o(a) artista/ceramista a criar a arte possibilitam que ele(a) experimente ressonâncias na criação de si. Tal criação pressupõe movimentos contínuos ao longo da vida. Modelar é se fundir com a argila e simultaneamente modelar a si mesmo. (Sá, 2012, p. 174)

Novamente, o pensamento da autora dialoga com os outros textos e com a conclusão do presente trabalho ao investigar a manualidade e a produção de subjetividade, ao reforçar a ideia de que o processo de produção de uma peça de cerâmica desperta a possibilidade de (re)criação de si. O toque na argila maleável apresenta um leque de formas que podem advir desta comunhão e, ao mesmo tempo, não garante a facilidade em transformá-lo no desejado. São muitos desdobramentos que esta relação provoca.

Por fim, coloco que a arte não precisa, necessariamente, ser colocada como instrumento de um profissional psi para ter um potencial de produção de subjetividade. Porém, ela também pode, sim, ser utilizada como uma ferramenta para auxiliar em um processo de cuidado. Nesse sentido, o último texto apresenta considerações acerca da arte como instrumento do psicólogo. De acordo com o que é apresentado no estudo, pouco importa o referencial teórico que vai utilizar a arte como instrumento, considerando a constante de que a busca é pela expressão e reflexão acerca de uma subjetividade e de aspectos internos dos sujeitos. Nas palavras do autor:

Como atividade terapêutica, o que aqui se pretende não é propriamente fazer arte, mas sim, exercitar a criatividade, proporcionar que no fazer criativo se produzam outros modos de objetivação e de subjetivação. (Reis, 2014, p. 148)

No trecho acima, o autor pondera como a arte colocada como metodologia funciona para facilitar ou mediar a produção de novos modos de vida e a produção da subjetividade. Reconhecendo que o psicólogo também possui um papel importante no processo, também considero relevante pontuar que, através da arte, se expressa uma subjetividade, se objetiva as emoções, sentimentos e pensamentos de forma artística, mas, também, facilita uma “transmutação pela arte, da sua reconfiguração em novas formas e em outros sentidos, em um processo no qual, ao criar na arte, o sujeito se recria na vida” (Reis, 2014, p. 149).

Dialogando mais uma vez com o que foi discutido até então no presente trabalho, o autor destaca esta possibilidade de recriação e de pensar e fazer o novo, o diferente, o inédito e a si mesmo:

Seja a atividade artística concebida como projeção do inconsciente na psicanálise, seja expressão do self na Psicologia analítica ou como função de contato na autopercepção dentro da gestalt-terapia, a arte se revela em todas elas como um meio de objetivação da subjetividade. O produto da criação artística é sempre um espelho que reflete e refrata de modo mais ou menos distorcido aquele que o criou, pois nele ganham forma seus desejos, emoções, sentimentos e ideias. (Reis, 2014, p. 156)

Sobre essa questão, o autor pontua brevemente os objetos de cada abordagem para concluir que, em todos os casos, a arte se apresenta como um mediador que traz para a comunicação conteúdos internos e internalizados. A arte se trata de um processo de expressão, de elaboração e de compreensão do vivido, do experienciado. Por fim:

Ora, na atividade artística, o sujeito encontra uma possibilidade concreta de expressar não só aquilo que ele é mas também o que ainda pode vir a ser, construindo na arte outros modos de objetivação e subjetivação e, a partir daí, reconstruindo-se na vida, a partir de um novo olhar sobre si mesmo e sobre o mundo. (Reis, 2014, p. 156)

Em outras palavras, pode-se refletir que a relação com a arte, além de trabalhar com a expressão e a comunicação não-verbal, atua na transformação do que se é, na criação do que se pode ser. Assim, reconhecemos que, com o instrumento artístico, podemos contatar tanto a constituição da subjetividade de cada sujeito como contribuir ativamente na produção de uma nova subjetividade – que é mutável, moldável e maleável.

3 Considerações finais

Por fim, considero importante destacar que a pesquisa foi uma realização pessoal. A necessidade de pesquisar acerca da relação entre argila e Psicologia partiu justamente da minha vivência com ambas, em locais de ensino distintos. A vontade de unir e investigar esses temas, neste sentido, foi o movedor do presente trabalho. Ao concluir esta pesquisa, posso reconhecer que a relação com a argila em processo de construção da cerâmica se mostrou não apenas como um desafio, mas como um aliado.

Referências

- Bock, A. M. B. (2002). BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes. *Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologias*. São Paulo: Saraiva, 13, pp.290-306.
- Coimbra, C. M. B. (1995). *Guardiões da ordem: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do "Milagre"*. Oficina do Autor. Disponível em: <https://www.academia.edu/40226253/Cec%C3%ADlia_Coimbra_Guardi%C3%A3e_da_Ordem_Uma_viagem_pelas_pr%C3%A1ticas_psi_no_Brasil_do_milagre_1_>. Acesso: 13 jul. 2020
- Martín-Baró, I. (1997). O papel do psicólogo. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 2(1), 7-27. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X1997000100002>>. Acesso em: 28 jul. 2020.
- Noronha, L. (Diretor). (1960). *Aruanda*. João Pessoa: Noronha & Vieira (Produção).
- Pellegrini, D. (2005). *O uso da argila como meio expressivo e de autoconhecimento* (Doctoral dissertation, Dissertação (Mestrado em Artes)–Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo). Disponível em: <<https://hdl.handle.net/20.500.12733/1614761>>. Acesso em: 15 abr. 2021
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta paulista de enfermagem*, 20(2), v-vi. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>>. Acesso em: 7 ago. 2020.
- Sá, R. (2012). A presença da matriz originária no filme *Aruanda*. *Simpósio da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas - ANPAP, 2012*. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio5/rosilda_sa.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2020.

Apêndice A – Lista de artigos citados na revisão

Nº do artigo	Referência Bibliográfica
1	Kastrup, V. (2007). A invenção na ponta dos dedos: a reversão da atenção em pessoas com deficiência visual. <i>Psicologia em Revista</i> , 13(1), 69-89.
2	Kastrup, V. (2008). O lado de dentro da experiência: atenção a si mesmo e produção de subjetividade numa oficina de cerâmica para pessoas com deficiência visual adquirida. <i>Psicologia: ciência e profissão</i> , 28, 186-199.
3	Amendoeira, M. C. R. (2008). O trabalho da arte e construção da subjetividade no feminino. <i>Revista Brasileira de Psicanálise</i> , 42(4), 41-54.
4	Alécio Filho, S. L. (2021). Do chão do pátio a um encontro possível: argila no tratamento de um paciente psiquiátrico. <i>Junguiana</i> , 39(2), 69-78.
5	de Moraes, A. H., Roecker, S., Jodas Salvagioni, D. A., & Jacklin Eler, G. (2014). Significado da arteterapia com argila para os pacientes psiquiátricos num hospital de dia. <i>Investigación y Educación en Enfermería</i> , 32(1), 128-138.
6	Silva, A. B. R., Assenheimer, S., Rodovalho, A. L. P., Rigobello, T. X., Gonçalves, R. C., & Pegoraro, R. F. (2019). Oficina expressiva em centro de atenção psicossocial: relato de experiência de estágio. <i>Revista Psicologia e Saúde</i> , 11(1), 125-139.
7	Thomazoni, A. R., & Fonseca, T. M. G. (2011). Encontros possíveis entre arte, loucura e criação. <i>Mental</i> , 9(17), 605-620.
8	Medeiros, R. M. S. G. D., & Passos, M. C. (2018). O embalo perdido e o ceramicar: a arte modelando o self. <i>Estudos de Psicanálise</i> , (49), 169-180.
9	Reis, A. C. D. (2014). Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. <i>Psicologia: Ciência e Profissão</i> , 34, 142-157.

ANEXO A – Mosaico de fotos